

Socorro-me da famosa expressão de Max Weber sobre o "desencantamento do mundo" para caracterizar a crescente secularização do Natal. Quem percorrer as ruas das principais cidades do ocidente cristão, quase já não encontrará nas iluminações festivas qualquer alusão ao nascimento de Cristo que se comemora.

E, no entanto, é este acontecimento, que dividiu a história do mundo e dos homens em antes e depois, que motiva a festa de Natal, em que todos se

¹ Manuel António Garcia Braga da Cruz foi Reitor da Universidade Católica Portuguesa (2000-2012). É Licenciado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia da UCP (1968) e em Sociologia pela Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Gregoriana (Roma) (1974); Doutorado (1987) e Agregado (1992) em Sociologia Política pelo ISCTE; Investigador Coordenador do Instituto de Ciências Sociais da UL (1994). Professor da Faculdade de Ciências Humanas da UCP (1992--). Director do Departamento de Ciências da Comunicação da FCH (1994-1997), Coordenador da área de Ciências da Comunicação desta Faculdade (1999--). Membro da direcção do Instituto de Estudos Políticos (1997--) e professor do Mestrado de Teoria e Ciência Política (1997--). Sócio correspondente da Academia Portuguesa de História (1991--). Membro da Sociedade Científica da UCP (1994--) e membro da sua Direcção (1998-2001). Presidente da Associação Portuguesa de Ciência Política (1998-2001). Membro da Academia de Ciências. Membro da Comissão Nacional Justiça e Paz (entre 1993 e 2002).

DO NATAL

desejam Boas festas. Outrora, os cartões que se enviavam com esses desejos, eram alusivos ao presépio, ou seja a cenas do nascimento de Jesus em Belém.

Hoje, quem entrar numa estação de correio e pedir postais de Boas Festas, encontrará toda a espécie de motivos de bolas, lantejoulas, luzes e enfeites, mas nenhuma reprodução de quadros célebres, que ao longo da história se pintaram sobre o nascimento de Cristo.



O Natal está-se a tornar numa festa laica, sem qualquer conotação religiosa. Até a noite em que se reunia a família, por vezes vinda das quatro partes do mundo, à volta de uma mesa, é substituída por *boites* e bares abertos, como se se tratasse de um qualquer feriado. A poesia de natal, feita de tradições populares e músicas incomparáveis, de pratos e doces feitos a rigor para celebrar a data, é substituída pelo ruído citadino e pelas luzes comerciais, e por toda a espécie de iguarias iguais às de todo o ano. A tipicidade do Natal tende a desaparecer. O Natal mercantilizou-se, tornando-se numa época de consumo, de esbanjamento, por vezes de luxo.

DO NATAL



Estamos perante um processo que poderíamos caracterizar de crescente apagamento religioso do Natal de Cristo. E com esse processo, estamos também a dessacralizar a comemoração da chegada do Inverno, processo que foi anterior ao próprio Natal de Cristo.

O nascimento de Jesus Cristo foi sempre comemorado desde tempos imemoriais. Essa tradição seria consagrada pelo Papa Júlio I que estabeleceu o dia 25 de Dezembro como dia do Natal, universalizando a celebração a toda a Igreja, estendendo-a também às igrejas orientais, que davam maior relevo à Epifania. A aceitação pacífica pela Igreja grega desta universalização prova que ela respeitou uma tradição antiga anterior.

O dia 25 de Dezembro já era porém celebrado para assinalar o solstício de inverno, ou o *Natalis Invicti*, ou do Sol Invicto, que era, depois da reforma de Aureliano de 274, o grande Deus oficial do império romano, único deus nomeado nos actos oficiais e nos rescritos.

Como para outras festividades, também para o Natal o cristianismo terá baptizado uma festa pagã, fazendo-a coincidir com a comemoração do Natal de Jesus Cristo.

E, ao longo dos tempos, este casamento de espiritualidade e mundanidade nunca deixaram de andar associados.

DO NATAL

Quem percorrer a história do Natal descobrirá uma profunda mistura de religiosidade e tradição popular, imbricando-se de tal maneira que não há etnologia que não estude o Natal, nem cancionero que o não refira com abundância.

As tradições de Natal, celebrando embora um acontecimento religioso de maior importância, como a vinda do Salvador, a encarnação de Deus, assinalam também a data que dividiu a história.

Esta mescla popular de salvação religiosa e celebração da chegada do inverno, está bem presente nas figurações e tradições natalícias, de que o presépio, a partir da Idade Média, se tornou numa das mais notórias expressões, bem como nos autos ou representações teatrais.

Natal é tempo de frio, e por isso, entre os costumes da sua celebração estão a queima do madeiro, no adro das igrejas das aldeias, ou o lançamento para a lareira das casas do chamado trafegueiro, grande toro de lenho, que se guardava e voltava a arder em momentos posteriores, como o estudou Leite de Vasconcelos na sua *Etnografia Lusitana*.

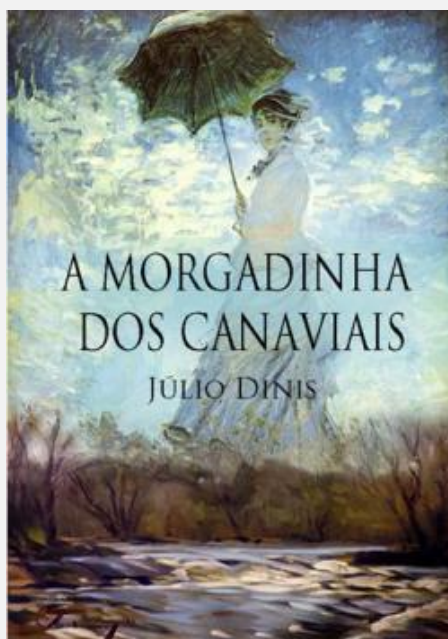


Quem não admira a profusão artística de representações do Natal na pintura europeia, na escultura mundial, e as tradições do Presépio em Portugal, onde os de Machado de Castro ocupam um lugar privilegiado.

Quem não recorda as fantásticas descrições de presépios na nossa literatura, de que a de Júlio Dinis na *Morgadinha dos Canaviais*, em casa de D. Victória, será por certo das mais divertidas: com pastores, soldados e fidalgos, o

DO NATAL

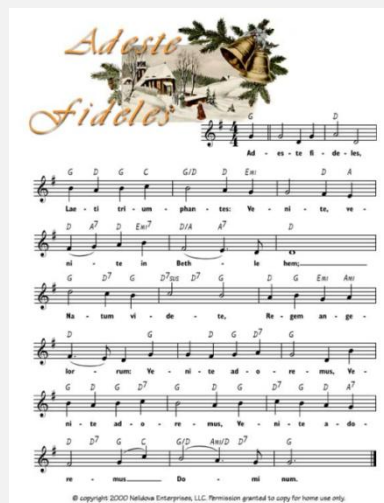
tocador de sanfona e os galegos dançando ao som da gaita de foles, um pic-nic em mangas de camisa com gravata e botas de cano, fumando e bebendo cerveja, uma amazona inglesa com o seu *jokey* galopando pelas cercanias de Belém, um vareiro e uma vareira, os muros de Jerusalém com milicianos fardados à inglesa e armados de lanças e arcabuz, a bandeira portuguesa no alto da muralha, e um Santo António de Lisboa, "que apesar de taumaturgo, parecia muito admirado de se ver naquele tempo e lugar".



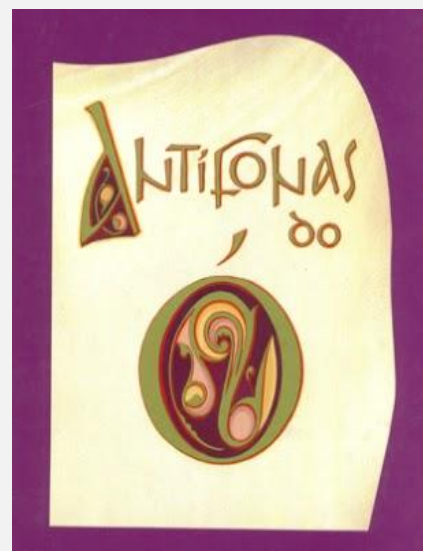
Quem não admirou, pelas nossas Igrejas, e até praças, os grandes presépios animados que fizeram o encanto da nossa infância, como aquele que tantas vezes o Sr. Ferreira, encadernador de meu Pai, e membro da associação de presepistas europeus, montava na Sé Nova, com água a correr e a fazer mover noras e moinhos.

Podemos falar de processo de encantamento do Natal ao longo dos séculos, a começar pela própria liturgia, impregnada de rara beleza poética e simbólica, e acompanhada de memoráveis e inesquecíveis cânticos, desde o *Adeste Fideles* do nosso D. João IV, até ao mais puro gregoriano do *Puer natus est nobis*.

O DESENCANTAMENTO DO NATAL



O Natal tornou-se festa de sinos e de música popular. Se a liturgia é particularmente expressiva – com destaque para as setes Antífonas do Ó – não eram menos os costumes populares que a acompanhavam, como os beberetes ou merendas, a que faz referência Sousa Viterbo no seu *Elucidário*.



Esse encantamento do Natal sempre foi devedor da época do ano em que se celebrava, como o atesta o uso dos frutos secos, de pinhões, nozes,

DO NATAL

amêndoas e figos, de rabanadas e filhoses. E cedo se tornou uma festa não apenas da família, mas especialmente votada às crianças, como o demonstram os brinquedos e presentes, de cartas ao menino Jesus, e botas que os rigores de inverno exigiam, postos na lareira à espera da meia-noite.

O Natal tornou-se festa popular, de profundo enraizamento costumeiro, feito quadras populares, de genuíno sabor rural, que percorrem os nossos cancioneiros, como as famosas quadras citadas por Leite de Vasconcelos:

Estava Maria

À beira do rio

Lavando os paninhos

De seu bento filho

Maria lavava

José estendia

Chorava o menino

Com o frio que tinha

Calae-vos Menino

Calae-vos senhor

Que as vossas bagadas

Me cortam com dor

Os filhos dos reis

Em berço dourado

Só vós meu menino

Em palhas deitado.

O Natal teve pois, ao longo da história, todo um processo de encantamento, que fez dele talvez a mais celebrada comemoração, a de mais intensa fantasia e poesia.

É este Natal que hoje se desencanta a passos largos perante os nossos olhos

No entanto, o Natal é uma festa de salvação, uma festa de natalidade, uma festa de paz e de fraternidade. É assim que também nós o vemos e o celebramos. Por isso nos reunimos neste lugar.

Teremos nós contudo razões para festejar o Natal, na situação dramática em que vivemos, em que o país parece perdido, a União Europeia à deriva, o mundo instável, a natalidade a decrescer dramaticamente – a ponto de colocar o país em recessão demográfica – a paz ameaçada pela violência, e a fraternidade cada vez mais alheada das nossas sociedades individualistas?

O Natal é uma celebração de natalidade. A nossa tem vindo a decrescer dramaticamente, a ponto de não estarmos a garantir a substituição das gerações, pondo em causa o crescimento demográfico, e com ele o crescimento económico, a sustentabilidade das políticas sociais e a solidariedade entre gerações, a renovação da própria sociedade.

Enfrentamos hoje um acentuado envelhecimento, não apenas motivado pelas boas razões do aumento da esperança de vida e diminuição da mortalidade, mas sobretudo pelas más razões de atrofiamento da pirâmide etária, com a redução do índice de fertilidade e da taxa de natalidade.

Não é apenas a sociedade que regride demograficamente, perdendo os indispensáveis recursos humanos para o seu desenvolvimento económico, é a própria economia e as empresas que perdem capacidade de inovação com o envelhecimento social.

A China, país mais populoso do mundo, acaba de anunciar o fim próximo da sua política de natalidade do "filho único", por imperiosas razões de crescimento e de hegemonia económica. As economias emergentes são as que estão a rever mais rapidamente as suas políticas demográficas e de emigração.

DO NATAL

Simultaneamente com a crise da natalidade, enfrentamos cada vez mais a crise da fraternidade. Aumenta nas sociedades do ocidente o número de pessoas que não sabe o que é ter um irmão, que não tem experiência prática familiar da fraternidade, que não sabe, porque nunca viveu, a convivência da irmandade.

Do mesmo modo que não há fraternidade sem paternidade, são também cada vez mais as pessoas que não têm a experiência prática da filiação de um pai. O crescente número de famílias monoparentais permite que muitos filhos tenham apenas a experiência da filiação da uma mãe.

O número de famílias com um só filho aumenta vertiginosamente nas sociedades mais tercearizadas, como aumenta o número daqueles cujas famílias já vão em mais do que uma geração de monofiliação: sem irmãos, sem tios, sem primos. Esta individualização das sociedades líquidas, para usar a expressão de Zigmunt Bauman, tem vindo a destruir as razões e as raízes da fraternidade e da solidariedade.

Como festa da natalidade, o Natal é também tempo de celebrar a parentalidade: quer a maternidade quer a paternidade. Ora este decréscimo da natalidade entre nós é acompanhado do crescimento do número de abortos legais, a ponto de ser já maior o número de fetos destruídos do que de crianças nascidas.

Os incentivos que existem não são tanto para o acréscimo de maternidade mas para a recusa da maternidade, favorecida por todo um conjunto de medidas que não têm paralelo na promoção e na protecção da maternidade.

A família, de que o Natal é também festa, é desfavorecida por todo um conjunto de disposições, desde a facilitação do divórcio, à desvalorização social do casamento pelas uniões de facto, até ao desvirtuamento funcional e civilizacional do casamento pela sua extensão às uniões homossexuais.

Em vez de ser defendida e dignificada, a família é aviltada culturalmente com medidas legais, sobrecarregada de impostos, desprotegida socialmente. Em vez de sacralizada, é profanada com ingerências inadmissíveis, desvalorizada nas suas competências educativas.

Se o Natal é a festa da família, temos também poucas razões para festejar, mas muitos motivos para temer pelo futuro da família, e para redobrar

DO NATAL

a firme disposição de defender a família monogâmica, a sua estabilidade, o matrimónio entre um homem e uma mulher que lhe dá origem, a sua função procriativa, o seu primado educativo, o seu lugar na sociedade como unidade básica em que deve assentar todo edifício social.

O Natal é ainda visto como um anúncio de paz na terra aos homens de boa vontade. Paz que significa a ausência de conflitos mas não de contrastes nem de diferenças. Paz cujo novo nome é o desenvolvimento dos povos.

Vivemos tempos de particular tensão e crispação política e social. A conjuntura económica de recessão e o contexto social de deterioração da integração e da coesão têm proporcionado protestos políticos e sindicais. A tutela financeira a que o país está sujeito, para evitar a bancarrota a que o desgoverno o conduziu, tem vindo a acentuar as clivagens entre forças políticas, reduzindo as possibilidades de diálogo e de entendimento. Vivemos tempos de forte conflitualidade política e social, com exacerbação de violência verbal, de intensificação de ameaças e de instigação subliminar à violência. Parece haver pouco lugar para mensagens e sinais de paz e de reconciliação interna, num mundo batido, também ele, por conflitos armados e tensões de grande intensidade entre civilizações, entre blocos geoestratégicos, entre países. E, no entanto, a necessidade da paz é hoje maior. O Natal impõe-se como tempo de aproximação, de entendimento, de vastos consensos, que permitam ao país conceber um futuro melhor.

Apesar de tudo, o Natal continua a ser celebrado como festa religiosa por todo o mundo, por um número muito vasto de milhões de homens, como celebração do nascimento do Salvador. O Natal continua a ser uma celebração cheia de significado e de capacidade regeneradora dos homens e dos povos. Parece que, por um dia, a bondade, a beleza e o bem parecem tornar-se hegemónicos, numa espécie de armistício social e cultural.

Termino com Fernando Pessoa, que tinha razão:

Chove. É dia de Natal.

Lá para o Norte é melhor:

Há a neve que faz mal.

E o frio que ainda é pior.

O DESENCANTAMENTO DO NATAL

E toda a gente é contente
Porque é dia de o ficar.
Chove no Natal presente
Antes isso que nevar.

Pois apesar de ser esse
O Natal da convenção,
Quando o corpo me arrefece
Tenho o frio e o Natal não.

Deixo sentir a quem quadra
E o Natal a quem o fez,
Pois se escrevo ainda outra quadra
Fico gelado dos pés².

² *Poesias*, Lisboa: Atica, 1978, pp. 129-130.

DO NATAL



Que a celebração do Natal faça que a permanência deste "rumor de anjos" cantando a glória de Deus no mais alto dos céus, para usar o título do livro de Peter Berger, nos permita reinventar uma sociedade mais fraterna e pacífica.

Bibliografia:

Berger, Peter, *A Rumour of Angels*, New York: Anchor, 1971 [¹1967]

Dinis, Júlio, *A Morgadinha dos Canaviais*, Porto: Porto Editora, 2003
ebook, [¹1868]

Pessoa, Fernando, *Poesias*, Lisboa: Ática, 1978.

DO NATAL

Vasconcelos, José Leite de, *Etnografia Portuguesa*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994 [¹1933]

Viterbo, Joaquim, *Elucidário*, Lisboa: A. J. Fernandes, ²1865 [¹1799]
(Biblioteca Nacional Digital)

Weber, Max, *Gesammelte Aufsätze zur Religions Sociologie*, Tübingen: Mohr, 1926 (Trad. ing. *Sociology of Religion*, 1971)